

O corpo, a comunicação, a vida

Josimey Costa

O corpo que nos permite viver no mundo é carne, como diz a tradição bíblica. Carne é uma substância física e sensível por causa do seu emaranhado de eletricidade, magnetismo e átomos, moléculas, fluxos e química. Fechado, não é um corpo. Para ser um organismo, tem que ser um sistema aberto; suas aberturas são a pele e seus poros, a boca, o nariz, os olhos, os ouvidos, os órgãos genitais. Um organismo é corpo vivo exatamente porque se comunica com o mundo.

Uma forma de comunicação elementar é a tátil, que envolve o toque. Um bebê precisa ser tocado para se desenvolver plenamente, tanto do ponto de vista físico quanto emocional. Tocar pode ser acariciar, afagar, segurar, alisar, dar tapinhas leves, variando desde um contato corporal simples até ao contato mais completo envolvido na relação sexual. A atmosfera, a água, as roupas promovem estimulação tátil e nos põem em contato com o mundo e conosco mesmos.

A locomoção proporciona, na prática, um fluxo de estimulações cutâneas ao por nosso corpo em contato com diferentes temperaturas, micro-alterações de pressão, variadas intensidades e direções do vento, umidades plurais. Não é a toa que as primeiras comunidades eram nômades, mudavam constantemente de lugar; além da busca do alimento, isso reflete a importância do movimento para os seres humanos. O feto caminha com a mãe, que o balança junto ao corpo ou nos braços. A cinesia, capacidade de comunicar emoções e pensamentos não verbalmente, resulta de movimentos do corpo. Na atualidade, muitos agrupamentos humanos recuperam esse nomadismo percorrendo as cidades, viajando pelo mundo.

Quando o corpo se utiliza de artifícios para perceber mais ou agir concretamente mais sobre esse mundo, recebe próteses: ferramentas, aparelhos, equipamentos, veículos de transporte; quando se utiliza de artefatos para expressar-se ou ampliar a sua expressão simbólica, conta com o reforço das mídias da comunicação. Portanto, o corpo é em si a sede e um meio para a comunicação. É a mídia primária, o meio primordial de contato com o mundo de que os seres humanos se utilizam.

As múltiplas expressões do corpo são vitrines do inconsciente, uma orquestra de símbolos com partitura impossível de ler completamente porque os gestos dependem de características individuais, do contexto, do interlocutor, do ambiente. Assim, os seres humanos recorrem a tantos e tão variados artifícios para a expressão no próprio corpo: pinturas corporais, tatuagens, roupas. Embora a proteção seja uma das funções da roupa, é apenas uma. O homem de Neanderthal se vestia para se proteger do frio; existem agulhas feitas de ossos com 40 mil anos de idade. Cobrir os órgãos genitais ajuda a evitar a extinção da espécie, mas o sentimento de pudor veio muito depois da extinção desse nosso antepassado.

A indústria da moda envolve fascinação, *glamour*. A fascinação incita à imitação, suscita uma emoção socialmente generalizada que nasce da cisão profundamente atual entre o que somos e o que gostaríamos de ser. Embora também se dirija aos homens, a moda fala mais

às mulheres, que passaram dos estereótipos de Eva (temível sedutora) e Amélia (doce rainha do lar) a uma tentativa de igualdade de gênero que lhe permite o uso de atributos da feminilidade antes imposto pelos homens. A adoção da calça comprida, pelas mulheres é antes uma recuperação, já que o vestido era um privilégio masculino (toga e a saia kilt escocesa, que só sofreu a concorrência de calças a partir do século V).

Nu ou vestido, forma externa de homens ou mulheres, o corpo é um modo de relação com o mundo. A co-existência pressupõe considerar o outro como essencial para a existência de si mesmo e do todo, ou o grupo, a espécie, não sobrevivem. Na base de tudo, está um longo aprendizado desde o egoísmo natural ao altruísmo natural e cultural, desde a intolerância espontânea até a tolerância lentamente aprendida, elaborada e ensinada até se tornar também espontânea. Os seres humanos são, portanto, ambivalentes em sua vivência, alternando egoísmo e altruísmo, individualismo e coletivismo.

O estilo de vida ocidental contemporâneo pode estar afetando a percepção do nosso próprio corpo. No cinema, na televisão, na Internet, vemos mais do que tocamos. Mas se um dos sentidos é exacerbado, isso só pode ocorrer em detrimento dos outros. O visto, para ser mais presente, deve ser tocado. O que se precisa ou quer tocar, mas não se toca, produz uma carência que aumenta a urgência do toque ou resulta em adoração, valor de culto, quando não, indiferença. Sem o tato, a troca se empobrece. Ele é fundamental para conferir um sentido de realidade ao percebido, de pertinência, pois, como diz Montagu, no seu livro “Tocar: o significado humano da pele”, ver é crer, mas sentir é a verdade.